

## Transferência, sedução e autoridade na relação pedagógica

MARIA APARECIDA MORGADO\*

### Resumo

São abordados os elementos psíquicos inconscientes que estruturam a relação pedagógica, a fim de mostrar que podem favorecer ou dificultar o exercício da autoridade do professor, quando essa é substituída pela sedução. O intercâmbio emocional inconsciente dessa relação acarreta a revivescência recíproca de afetos do passado infantil sem que os sujeitos envolvidos se dêem conta disso. Tal revivescência inconsciente é possível graças à identificação, à transferência e à contratransferência: essas operações psíquicas são apresentadas conceitualmente, em termos psicanalíticos, para mostrar como o processo em que se articulam pode resultar na sedução.

**Palavras-chave:** Identificação, Transferência, Contratransferência, Sedução, Autoridade.



\* **MARIA APARECIDA MORGADO** é Doutora em Psicologia Social (PUC-SP) e Pós-Doutorado em Psicologia Social (USP-SP); Professora da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

Abordam-se determinações inconscientes da relação professor-aluno, com enfoque na sedução e nos processos psíquicos que a estruturam: identificação, transferência e contratransferência. Considera-se que um professor competente reúna as condições básicas para ensinar. Entende-se que as condições intelectuais mínimas qualificam o aluno para aprender. Mas, muitas vezes, o aluno não aprende porque o professor não ensina adequadamente, pois é alheio à recíproca revivescência inconsciente do passado infantil que interfere em *como* ele ensina. Desse intercâmbio emocional configura-se um campo de comunicação inconsciente que pode dificultar as finalidades da ação pedagógica.

A autoridade do professor é estritamente pedagógica: deriva de seu domínio dos conteúdos e de sua competência. Ele exerce sua autoridade como mediador entre o aluno e o saber elaborado. Caso a relação se estruture privilegiando o intercâmbio de afetos inconscientes, a mediação do professor é inadequada: uma autoridade primordial e prototípica toma o lugar da pedagógica e nisso reside a sedução. A sedução intensifica o campo emocional e resulta em uma forma abusiva de exercício da autoridade. Portanto, o problema pedagógico do autoritarismo remete ao fenômeno psicanalítico da sedução (MORGADO, 2002, 39-43).

### **Sedução**

A sedução deriva da relação original (FREUD, 1897, p. 350-352). Nela, a sexualidade-afetividade infantil vai-se estruturando no campo da sexualidade-afetividade dos pais e o processo tem como origem uma cena primária de sedução. Essa cena primária não decorre necessariamente de situações em que um adulto perverso imponha práticas

sexuais precoces à criança, que nem pode entender o que significam, mas, geralmente, de fragmentos de cenas e coisas ouvidas que a fantasia infantil – alimentada pela pulsão – transforma na cena primária de sedução (MONZANI, 1984, p. 31-52).

No par sedutor-seduzido, o bebê ocupa o pólo mais passivo e tem nessa desigualdade a primeira relação de autoridade. A criança também seduz: além das sensações prazerosas causadas pelos cuidados parentais amorosos, ela também os seduz demandando o amor deles. O desenrolar dessa relação – em que a sedução e a autoridade se constituem a um só tempo – está calcado na identificação, processo inconsciente por meio do qual são introjetadas características psíquicas dos pais tomados como modelos (LAPLANCHE, 1988, p. 108-125).

O entendimento da relação original como prototípica das demais permite estabelecer os elos entre as experiências infantis e a sedução na relação pedagógica. Na questão da autoridade, a identificação do aluno com o professor depende de como foram sendo estruturadas e superadas as fixações das respectivas relações originais. A relação original de autoridade e a sedução podem ser reeditadas no lugar da relação pedagógica. Quando a sedução se sobrepõe à relação pedagógica, duas operações psíquicas são necessárias: a transferência inconsciente de afetos primordiais que o aluno deposita no professor e a contratransferência, que é a reação inconsciente do professor a esses afetos (FREUD, 1915, p.191-203).

### **Identificação**

Identificação é a operação inconsciente na qual o sujeito infantil toma os pais como modelos e implica a mais primitiva forma de laço emocional.

Instala-se antes da relação de objeto, antes da diferenciação do ego a partir do id. No momento subsequente, catexias libidinais são voltadas para o objeto (FREUD, 1905, p. 223-225). Um dos genitores é tomado como objeto de amor sexual. O processo culmina no complexo de Édipo que, esquematicamente, implica destinar agressividade ao genitor adotado como obstáculo à posse daquele que é tido como objeto sexual (FREUD, 1905, p. 177-190).

Parte das pulsões eróticas e parte das catexias pulsionais destrutivas sofre a ação do recalçamento (FREUD, 1915, p. 207-223). Outra parte dessas pulsões é sublimada em interesses socialmente valorizados, aparentemente destituídos de conteúdos sexuais e destrutivos (FREUD, 1923, p. 55-63). Na consciência predominam sentimentos ternos de respeito e afeição da identificação primitiva, agora compensatoriamente intensificados (FREUD, 1938, p. 182-190). Esse segundo momento é denominado identificação secundária.

Não é apenas o ego que se constitui através das identificações. No interior do ego uma outra instância psíquica se diferencia: o superego. Ele realiza as funções de auto-observação do ego, de consciência moral e de avaliação do ego em relação a um ego que seria ideal. Aos poucos, o superego vai-se estruturando como uma instância psíquica a parte. Ele se constitui e se fortalece porque assimila a rigidez e a severidade das imagens parentais introjetadas. Sua instalação decorre da dessexualização implicada na bem-sucedida identificação com a autoridade parental. O superego também assimila identificações com pessoas que passam a ocupar o lugar da autoridade parental. No entanto, nem toda severidade,

rigidez e conservadorismo do superego infantil são extraídos do superego parental. Herdeiro do complexo de Édipo, ele se estrutura na dependência do desenrolar desse conflito triangular (FREUD, 1938, p.177-181). Quanto mais intensas as demandas pulsionais eróticas e destrutivas, mais o superego se avoluma para contê-las.

A relação entre o ego e o superego depende de como as identificações neles se imprimiram. Esse processo identificatório não se dá conscientemente. O respeito e a afeição conscientes pelos pais expressam a submissão do bebê diante deles. Modelos daquilo que a criança *gostaria de ser*, os pais são em seguida transformados naquilo que a criança *gostaria de ter*: para amar e/ou para destruir. Agora o laço não se prende mais ao sujeito e sim ao objeto. Por causa disso, o conflito psíquico resultante impõe o recalçamento e a sublimação concomitantemente à intensificação regressiva da identificação original (FREUD, 1920, p. 17-85).

O ego e o superego operam também inconscientemente para poderem suportar as pressões a que são constantemente submetidos: exigências da realidade, de um lado, e persistentes demandas pulsionais do id, de outro (FREUD, 1938, p. 169-172). Alheio à realidade exterior, o id não distingue o passado do presente, a norma moral e nem a contradição: voraz e imperativo se empenha na descarga pulsional a qualquer custo (FREUD, 1923, p. 64-76). As identificações que diferenciam e estruturam o psiquismo, a partir dele, deixam o precipitado daquilo que deve ser esquecido e daquilo que pode ser lembrado.

Na identificação terciária subsequente não está implicado investimento de

objeto. Derivada da percepção de características compartilhadas, essa identificação propicia os laços de amizade, a formação de grupos e os sentimentos sociais. Calcada nas pulsões sexual e destrutiva inibidas, a identificação terciária favorece os sentimentos cívicos a partir dos quais as formações sociais se estabelecem. Devido às suas bases inibidas, esses sentimentos cívicos podem se transformar em sensualidade ou hostilidade. Mas, é preciso distinguir a identificação do amor sensual e da hostilidade. A identificação é que permite as amizades e as formações coletivas. O mesmo não ocorre com o amor sexual e com o ódio: ambos são desfavoráveis à convivência grupal.

Identificação original, identificação secundária e identificação terciária constituem a personalidade psíquica na diferenciação do ego e do superego a partir do id (FREUD, 1921, 32-54). Impedidas de concretização, as demandas pulsionais do id fazem pressão para atingir a consciência e, portanto, a relação original é sempre reeditada inconscientemente. Quando se fundem à relação original, quando a ela se somam, quando a ela se sobrepõem ou quando a substituem parcialmente, as relações atuais arcam com os sentimentos ambivalentes da relação original e com os conflitos dela resultantes. Essa é a herança emocional imposta à relação atual de autoridade pela relação original.

### **Transferência**

Transferência é a operação psicológica em que os afetos prototípicos da relação original são revividos inconscientemente (FREUD, 1912, p. 133-143). Os protótipos relacionais que vêm transferencialmente à cena podem ser reequacionados, conforme o permitam as características

intrapíquicas da relação presente e as circunstâncias exteriores. A relação de autoridade é uma das muitas em que isso ocorre. É fundamental para a problemática aqui analisada, porque a extrema dependência inicial impôs à criança submissão aos genitores. Dessa base emocional resultam as condições para a ocorrência da reatualização transferencial (FREUD, 1914, p. 208-221).

Nesse exato ponto, convém mencionar que as pulsões determinam o curso da vida erótica humana: após uma evolução aleatória e complexa iniciada na vida infantil, elas se organizam sob o primado da genitalidade que culmina na puberdade (FREUD, 1905, p. 213-218).

Mas, a subordinação à genitalidade não suplanta a força das pulsões parciais originárias: assim como se integram à genitalidade, as pulsões parciais dela também se desprendem; ou, então, se rebelam contra qualquer forma de sistematização pulsional (FREUD, 1905, p.190-198).

Representantes psíquicos de pulsões genitalmente subordinadas e de pulsões sublimadas em finalidades socialmente aceitas são admitidos na consciência. Representantes de pulsões rebeldes são vetados da consciência e encontram meio de expressão em fantasias. Tais representantes pulsionais vetados também atingem a consciência de modo dissimulado, quando a relação passada é revivida na relação presente no caso da pessoa alvo da transferência se adequar a uma das séries psíquicas outrora constituída pelo sujeito.

A intensidade e a natureza dos afetos compartilhados entre as partes envolvidas determina se a transferência favorece ou dificulta as finalidades relacionais. Quando é predominantemente alimentada por

sentimentos de ternura, a transferência positiva favorece tais finalidades. Quando é predominantemente alimentada por sentimentos eróticos, a transferência positiva dificulta a relação cujas finalidades não sejam sexuais. Quando é predominantemente alimentada por sentimentos hostis, a transferência negativa dificulta as finalidades relacionais. Convém enfatizar: as relações ulteriores de autoridade evocam as identificações primitivas porque, de um modo ou de outro, envolvem dependência e submissão.

### **Contratransferência**

Contratransferência é a reação psicológica inconsciente da pessoa que é alvo da transferência. Ela reage aos sentimentos que lhe são destinados porque também vivenciou o processo identificatório. Sua estrutura libidinal ambivalente e nostálgica derivada da identificação expõe seu inconsciente à transferência. Tal reação contratransferencial à transferência completa o campo de comunicação emocional inconsciente que articula os sujeitos envolvidos. Porém, as relações humanas não seriam possíveis sem o campo transferencial. Necessariamente, as relações de autoridade intensificam esse campo inconsciente e tendem a provocar revivescência ambivalente recíproca.

Na relação analítica, onde a transferência foi detectada, a cura do paciente resulta do manejo da transferência pelo analista. Ao contrário disso, os demais contextos relacionais geralmente estimulam a transferência. Na questão em análise, as relações institucionalizadas de autoridade apresentam peculiaridades que dificultam a percepção do campo transferencial. A prévia definição hierárquica de função acentua o

componente de autoridade, antecipando a transferência e a contratransferência: eis onde está situada a relação pedagógica.

### **Considerações finais**

A sedução na relação professor-aluno deriva do campo transferencial. O professor é formalmente investido de autoridade. É suposta uma assimetria entre o nível superior de conhecimento do professor e o nível inferior de conhecimento do aluno, seja qual for o nível da educação escolar. O aluno elege o professor como autoridade quando supõe que esse pode provê-lo de conhecimento. Quando ensina, o professor supõe concretizar sua autoridade. Tal suposta assimetria remete à polaridade inicial da relação entre o genitor e a criança.

Em situações consideradas ideais – quando a autoridade formal e a real coincidem relativamente – o campo transferencial pode, mesmo assim, inviabilizar as finalidades educacionais (FREUD, 1914, p. 285-288). O aluno pode incluir o professor em uma série psíquica hostil, outrora estabelecida, manifestando a agressividade ou, mesmo, a indiferença própria de quem não reconhece a autoridade. Essa transferência negativa do aluno pode, por exemplo, ativar núcleos inconscientes hostis do professor que reage promovendo algum tipo de enfrentamento, em vez de ensinar.

A curiosidade intelectual – necessária ao interesse do aluno pelo saber – é um importante elemento constitutivo da personalidade psíquica. Tal curiosidade deriva da percepção da diferença anatômica entre os sexos e é a fonte das perguntas infantis sobre a relação sexual entre os pais e sobre a sua própria origem. As excêntricas teorias sexuais da criança são suas respostas fantasiosas



a esses dois enigmas (FREUD, 1905, p. 199-203). Como a criança desconhece os nexos que desvendariam tais enigmas, parte de sua curiosidade sexual é sublimada em perguntas infundáveis sobre eventos que aparentemente nada têm de sexuais; outra parte de sua curiosidade sexual é recalçada, banida da consciência, para evitar a conflitiva lembrança daquilo que tem de ser esquecido pelo ego.

O desejo de saber e o desejo de não querer saber resultam, então, dos caminhos e descaminhos pulsionais. Se não ocorreu recalçamento demasiado intenso, representantes sublimados podem ascender à consciência metamorfoseados em curiosidade: estar aberto à investigação implica, em última instância, querer saber da própria sexualidade. Se o recalçamento foi demasiado intenso, os representantes pulsionais vetados permanecem inconscientes: estar fechado à investigação, implica, em última instância, não querer saber da própria sexualidade, pois uma simples pergunta pode ser perigosa para o ego.

Portanto, o campo transferencial que inaugura a relação pedagógica não deve constituir seu ponto de chegada. As energias pulsionais das partes envolvidas precisam ser canalizadas para o trabalho intelectual. Quando revive o amor e/ou o ódio intensos, o aluno retoma o momento em que se vergou à autoridade original: a paixão transferencial ambivalente pelo professor debilita a função crítica de seu superego, abre caminho para que influência parental tome o lugar da influência pedagógica e para que a transferência reitere a sedução. Quando reage à transferência dos afetos originais do aluno, o professor age como se tais afetos tivessem sido evocados exclusivamente por ele; a um

só tempo, atende às próprias fixações infantis e às do aluno, seduzindo-o a realizar suas expectativas de amorosas e odientas: a decorrente sedução parental suplanta a autoridade pedagógica e deixa livre o caminho para a sedução recíproca.

A dominação sedutora da autoridade original é rompida quando o professor não reage contratransferencialmente às expectativas transferenciais odientas do aluno e, no lugar disso, consegue evocar afetos ternos que o ajudem a trabalhar. O professor também pode se abster de alimentar a transferência erótica não incomum em sala de aula. Pode, ainda, não reagir contratransferencialmente a exacerbados afetos ternos do aluno, canalizando-os para o trabalho intelectual. Essas ações genuinamente pedagógicas propiciam a predominância da afeição e do respeito, criando as condições favoráveis para o ensino e a aprendizagem.

Essa é a questão decisiva da relação pedagógica: mesmo que vise à negação da própria relação, o professor se move na tênue fronteira entre autoridade e sedução. A sobreposição da sedução à autoridade desfigura a relação pedagógica naquilo que é seu meio e finalidade: ensino e autonomia intelectual do estudante. Portanto, é necessário diferenciar dois modos de negação da relação professor-aluno. Quando predominam amor e/ou ódio recíprocos, ela é negada porque professor e aluno não conseguem se articular na experiência de ensino e aprendizagem. Quando predominam sentimentos brandos de afeto e respeito, a relação também é negada, porém dialeticamente: ela se desfaz no momento em que consuma suas finalidades (MORGADO, 2002, p. 125-134).

## Referências

FREUD, S. Carta nº 69 a Fliess. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1980 [1892-1898], v. I, p. 350-352.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1980 [1905], v. VII, p. 123-250.

FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1980 [1912], v. XII, p. 129-143.

FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1980 [1914], v. XII, p. 205-223.

FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. de Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1980 [1914], v. XIII, p. 281-288.

FREUD, S. O inconsciente. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. de Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1980 [1915], v. XIII, p. 185-245.

FREUD, S. Além do princípio de prazer. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. de Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1980 [1920], v. XVIII, p. 11-85.

FREUD, S. Psicologia de Grupo e a análise do ego. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1980 [1921], v. XVIII, p. 87-179.

FREUD, S. O ego e o id. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1980 [1923], v. XIX, p. 11-83.

FREUD, S. Esboço de psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1980 [1938], v. XXII, p. 165-237.

LAPLANCHE, J. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Trad. de Doris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

MONZANI, L. R. Sedução e fantasia. **Manuscrito – Revista de Filosofia**. Campinas: SP, 1984, nº 1 e 2, p. 31-52.

MORGADO, M. A. **Da sedução na relação pedagógica: professor-aluno no embate com afetos inconscientes**. 2ª ed., São Paulo: Summus, 2002.